

Testemunha do Amor

«A vida e a palavra do Papa revelam uma profunda coerência que eu resumiria em poucas palavras: João Paulo II é uma testemunha fidedigna do Amor». Artigo de D. Javier Echevarría publicado em "La Vanguardia", por ocasião da quinta viagem do Papa à Espanha.

16/05/2003

Temos de agradecer a João, o jovem discípulo de Jesus, que nos tenha

relatado no fim do seu Evangelho o diálogo comprometedor entre Cristo ressuscitado e Pedro, que ocorreu às margens do lago de Tiberíades, depois da pesca milagrosa. O Senhor acende uma fogueira e prepara um pouco de peixe e de pão para esses seus sete discípulos que passaram a noite na barca, dedicados ao duro trabalho da pesca. Depois, chama Pedro à parte e pergunta-lhe três vezes se o ama mais do que os outros. Simão responde às duas primeiras perguntas dizendo simplesmente que o ama. Na terceira vez, se entristece um pouco e completa a sua resposta. “Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo”. Jesus responde à confissão de amor encomendando a Pedro a missão de cuidar dos seus.

A partir desse momento e até o fim da história, a missão dos sucessores de Pedro ficou ligada ao grande paradoxo da existência humana:

sabemo-nos portadores das mais altas aspirações e, ao mesmo tempo, experimentamos a nossa pequenez e debilidade pessoais. O Filho de Deus pediu a Pedro por três vezes uma confissão de Amor, porque somente mediante esse Amor ao Mestre os sucessores do pescador da Galiléia poderão servir e confirmar os seus irmãos.

A quinta viagem de **João Paulo II** à Espanha leva-me a evocar estas páginas do Evangelho de João. Na nossa época, onde um grande progresso tecnológico contrasta com profundas dúvidas diante do mistério do ser humano, **João Paulo II** não deixa de lançar luz sobre a dimensão mais radical da nossa existência: a vocação para o Amor. Escrevo esta palavra com maiúscula não só porque comprehende principalmente o Amor a Deus, mas também para ressaltar a sua

grandeza em todas suas nobres manifestações.

Testemunha fidedigna

Algumas pessoas expressaram sua dificuldade para compreender a coerência entre os diversos pronunciamentos de **João Paulo II**. Em certos casos, dois aspectos lhes pareceram divergentes: os seus ensinamentos claros sobre a natalidade, o aborto, a eutanásia e o respeito à vida e, por outro lado, os seus fortes apelos à justiça e à solidariedade social. No entanto, a vida e a palavra do Papa revelam uma profunda coerência que eu resumiria em poucas palavras: **João Paulo II** é uma testemunha fidedigna do Amor.

Deus nos concedeu um sucessor de Pedro que, também com a sua experiência sacerdotal e com a sua vocação de literato e filósofo, ajudou a compreender melhor a grandeza

do chamamento divino ao Amor. Em um clima de desconfiança e temor, convidou-nos a cruzar o limiar da esperança e a cultivar — com a ajuda divina — uma caridade generosa, limpa, gratuita. Colocou em destaque a grandeza da união matrimonial, como um dom concedido por Deus para o Amor e a transmissão da vida; iluminou — sem temores nascidos de um falso espiritualismo — o caráter esponsal do corpo humano; e, a partir da sua vivência da paternidade espiritual, mostrou tanto a beleza do matrimônio como a esplêndida fecundidade do celibato, recebido livremente como dom de Deus.

Na Jornada Mundial da juventude do Grande Jubileu do Ano 2000, fomos testemunhas da resposta positiva de inumeráveis jovens a um Papa, já ancião, que afirmava a existência humana como um ser-para-a-Vida, no lugar de um niilismo de um ser-

para-a-morte; que lhes falava com um convencimento persuasivo do amor generoso que leva ao sacrifício do próprio eu.

Penso que esse fio condutor explica porque o Papa dedicou tanto cuidado às famílias e porque as considera a base do progresso verdadeiramente humano. Não há mudança de tom quando **João Paulo II** encara outra dimensão fundamental da nossa existência: o trabalho. Também aqui o mais importante é o crescimento da pessoa mediante uma atividade profissional a serviço dos demais. Restringir-se aos aspectos meramente econômicos leva a diminuir o indivíduo, a reduzi-lo a uma engrenagem do processo produtivo. Muitas vezes é necessário atrever-se a modificar certas estruturas, que podem parecer práticas, ou pragmáticas, mas que tolhem o livre desenvolvimento das pessoas. O poeta catalão **Joan**

Maragall compreendeu bem essa idéia: “Esforça-te no teu afazer / como se de cada detalhe que penses, / de cada palavra que digas, / de cada peça que coloques, / de cada martelada que dês, / dependesse a salvação da humanidade / porque, acredita, realmente depende”.

É a própria vocação ao Amor que ressoa quando **João Paulo II** quer cumprimentar cada pessoa que se lhe aproxima, quando sorri ao tomar nos seus braços e abençoar uma criança pequena, quando brinca com a bengala ou canta nos seus encontros com os jovens, procurando o diálogo com cada um, mesmo que sejam muitos milhares. Por isso, usa um tom especialmente sério ao defender os direitos do homem, ao emprestar a sua voz aos mais fracos, como é o caso de muitos países africanos que se sentem abandonados. A sua insistência em falar do homem, não como algo geral

ou coletivo mas na sua irrepetível singularidade, contribuiu para que nos demos conta de que, a rigor, os seres humanos não podem ser numerados: cada um tem uma dignidade e um valor incomensuráveis.

Defender o Amor

Sua constância ao recordar o dever moral de, com retidão de intenção, esgotar todos os meios possíveis para resolver de modo pacífico os conflitos também reflete o seu amor sem nenhum tipo de discriminações. Por isso, não deixa de recordar aspectos de grande profundidade: as dores físicas e morais da população civil, os ressentimentos que enchem de amargura os corações, as barreiras que impedem a fraternidade. Se por vezes não se consegue evitar o conflito bélico, que é sempre uma “derrota da humanidade” (*Discurso ao Corpo*

Diplomático, 13/01/2003), isso não significa que a palavra do Papa tenha sido inútil, mas que talvez não tenhamos procurado suficientemente a paz em todas as suas manifestações: a paz nas consciências, nas famílias, no trabalho, na vida pública.

Gostaria de ressaltar, por fim, que **João Paulo II** defende o Amor contra o inimigo mais poderoso: o *eu* de cada um, quando se deixa arrastar pela debilidade e pelo egoísmo. O Santo Padre consegue entusiasmar, suscita decisões profundas, propicia que os jovens descubram sua vocação cristã, porque o seu testemunho está respaldado por sua vida, pelo seu desgaste físico diário.

Há 25 anos ele é uma testemunha itinerante do Amor de Deus a cada ser humano. Mais ainda nestes momentos, quando a sua debilidade corporal permite ver melhor a força

desse Amor divino em sua vida. Muitas pessoas ficam tocadas, especialmente nestes últimos tempos, diante da sua entrega incondicional, que não é mais do que a intensificação do que vem fazendo ao longo de todo o seu pontificado: não se poupa nenhum esforço, não deixa de fazer nenhum sacrifício. Não se podem entender essas coisas de Deus meramente com critérios de eficácia.

A primeira comunidade cristã de Jerusalém colocava seus doentes junto ao caminho de Pedro, para que ao menos a sua sombra os tocasse e ficassem curados. Peço a Deus que a sombra da passagem de **João Paulo II** nos cure das nossas doenças e que saibamos aprender algo dessa testemunha fidedigna do Amor de Deus.

JAVIER ECHEVARRÍA, prelado do Opus Dei.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/testemunha-
do-amor/](https://opusdei.org/pt-br/article/testemunha-do-amor/) (17/01/2026)